



A CHEIA DO DOURO: CAES DA RIBEIRA — (Cliché Benoliel)

N.º 263 Lisboa, 10 de Janeiro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 48800 réis — Semestre, 28400 réis
Trimestre, 18200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

Brouillard



DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chronomancias, chronologia e physiologia e pelas applicoões praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenignue, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Das consultas diarias das 9 da manhã das 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



GRATIS
125 machinas fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1900. Remettem-se catalogos e condiçoēs a quem enviar uma estampilha de 25 reis a CASA SIMPLEX.

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.
J. CASTELLO BRANCO
Rua de Soccorro, 48
R. de Santo Antão, 32 e 34 LISBOA

COMPREM AS Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou cores **Eolienne, Cachemire, Shantung, Duchesse, Crêpe de Chine, Batale, Mosseline, Mousseline**, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as **bluses e vestidos bordados** em batiste, lã, voile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.**

SCHWEIZER & C.º
Lucerne E II. (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

iania e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maio (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produçoão annual de seis milhoēs de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressoão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçoēs especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papeis aos mais importantes jornaes e publicaçoes periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. *Escrptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado
Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL

Acçoēs	360.000\$000
Obrigaçoēs	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisaçoão...	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maio d'Hermio (Louza), Valle Maio (Albergaria-a-Velha), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maio (Albergaria-a-Velha).

Os Agentes em Portugal **REEMBOLSAM O DINHEIRO** a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o **XAROPE FAMEL**

PARIS
86, Rue de la Reunion
PREÇO 1.800 REIS
Francia de porte para Lisboa e Portugal por 2 francos.

DEPOSITO GERAL
15, RUA DOS SAPATEIROS, LISBOA

Princia VIOLET
NOUVEAU PARFUM
29, Bd des Italiens, PARIS



DISPONIVEL

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL
ANEMIA CÖRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA

Elixir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL, CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, LISBOA
1300 reis o irusco franco porte em todo Portugal
PFLOILLE, Mars, 2 Faub. S-Denis, PARIS



Meio seculo de successo
ESTOMAGO
O Elixir do Dr Mialhe
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPESIAS.
A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Braz
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

A CHEIA DO DOURO

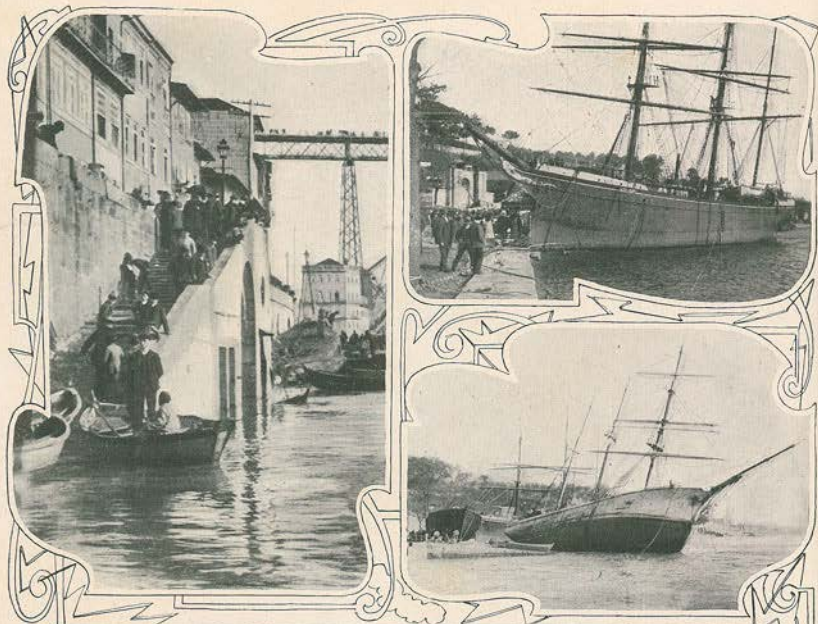


Os temporões que assolaram quasi todo o paiz tiveram o seu mais terrivel quadro na cheia do Douro, que fez da velha cidade do trabalho um lugar de desolação.

No dia 21 começou a tormenta e dentro em pouco o rio levava já uma corrente de quinze a vinte milhas por hora; as aguas galgavam os paredões, alagavam as margens, inundando as casas e reduzindo á maior miséria os seus habitantes. Os barcos foram levados no impeto da corrente, para se despedaçarem: brutalmente uns contra os outros; dos armazens de Gaya inundados eram arrastados violentamente os cascos de vi-



- 1—Barcos arremeçados pela cheia para junto do chafariz da rua S. de João
- 2—Arvores arrastadas pela corrente no local do antigo caes da Ribeira.
- 3—A cheia na rua de Miragaya.



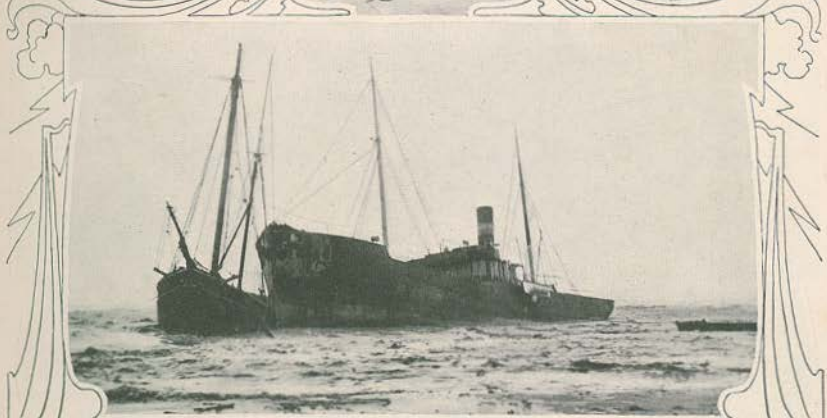
1—A agua junto ás escadas da Ribeira, 2—A barca *Santos e Anaral* que, arrastada pela corrente, deu á costa na Cantareira, 3—O lugre *Vencedor* encalhado na Cantareira, 4—Aspecto tirado do taboleiro inferior da ponte D. Luiz para o largo dos Guindaes, vendo-se os destroços dos caes e dos barcos rabelos



1—O sr. Adolpho Pimentel, governador civil do Porto, fazendo a descrição dos desastres
ao chefe do Estado no Molhe de Carreiros
2—Nos Guindães: Destroços causados pela cheia



1—Em rente da Alfandega: Uma rua onde se fazem as comunicações por meio de barcos.
2—Barcos naufragados junto do posto telegraphico da Cantareira.



1—O *Cintra*, encalhado na Foz do Douro. 2—Os sobreviventes do *Cintra*: sr. Alfredo Jacob, marinheiro e Ernest Ostreiol, chegador—O tripulante sr. Fredrich com o seu cão—Sr. Adalbert Frichner cozinheiro e Wilfelm Wilde chegador. 3—Um escolho flutuante: O *Nestor* encalhado na barra—(Clichê de ALVÃO)



1—El-Rei com o presidente do conselho, governador civil do Porto e o ministro da marinha visitando a Ribeira do Porto.
2—El-Rei sahindo d'uma casa no velho bairro do Barredo, que a cheia quasi submergiu



A barra do Porto na manhã de 26



1—O caos da Ribeira depois da descida das águas
2—Um aspecto dos estragos feitos na muralha que faz esquina para a rua Infante D. Henrique (Clichés de BENSOLIEL)



nhos generosos no ruído das ondas, no zunido do vento, na desoladora escuridão da cidade durante tres noites. Os vapores, com as amarras partidas, faziam signaes de alarme e era impossivel soccorrel-os; outras embarcações passavam rapidamente junto d'elles, já desmanteladas, como o *Lusitania* e o *Douro*, tornadas em destroços. O vapor allemão *Cintra* partiu as amarras e foi chochar-se com a corveta *Estephania*, a qual seguiu desarvorada rio abaixo, indo encalhar ao norte no pharolim de Felgueiras, onde o mar a acabou.

Tres dos tripulantes do *Cintra* pereceram nas ondas ao procurarem salvar-se n'um pequeno barco, o que cinco dos seus companheiros conseguiram. Os prejuizos materiaes são incalculaveis.



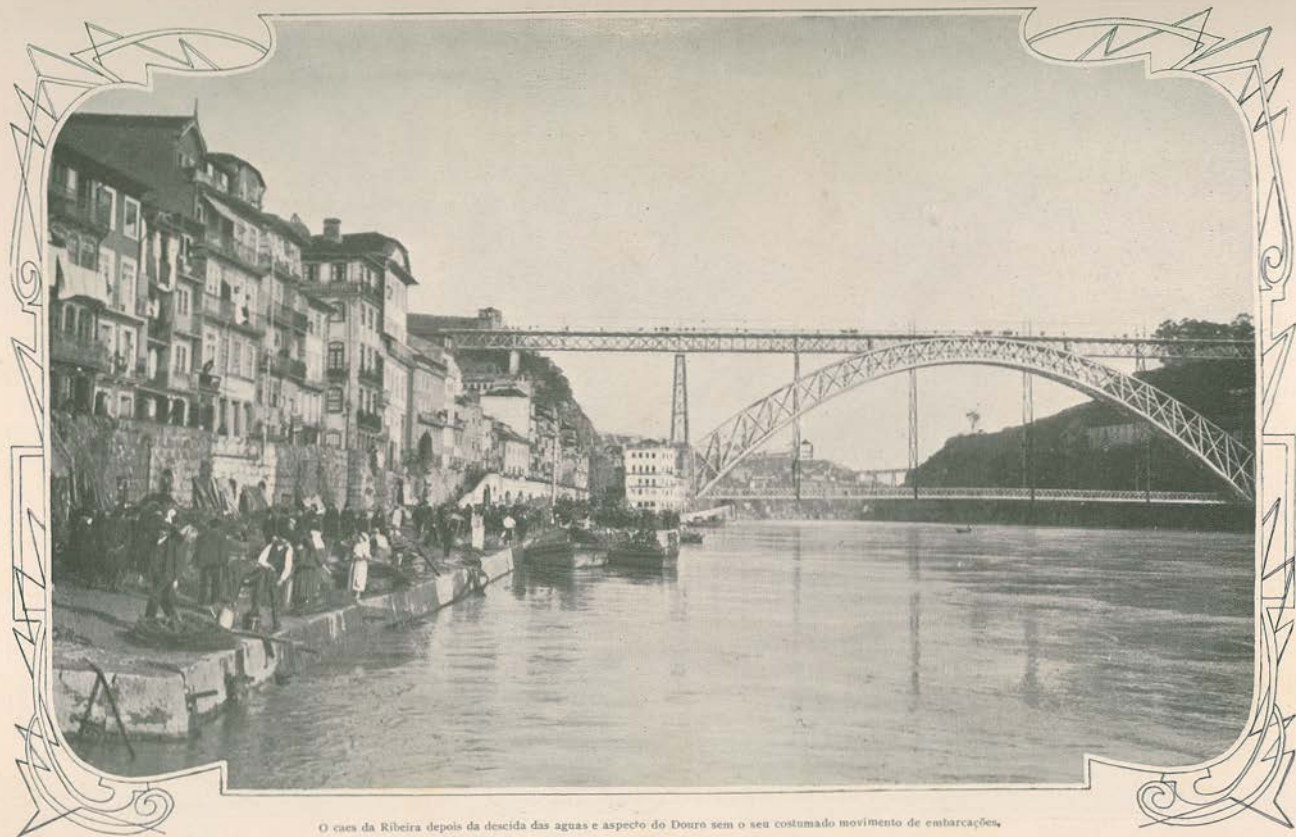
1 — El-Rei visitando os caes do caminho de ferro na Alfandega do Porto
 2—Um trecho do caes da Ribeira, proximo do largo de S. João, depois da descida das aguas.



A cheia de 1909 comparada com a grande cheia de 1860 no padrão do largo de S. João

No Ribatejo a cheia destruiu casas, abateu muros, arrastou gado, alagou os celeiros e levou as arvores na sua corrente impetuosa. Santarem, que soffre sempre muito com as inundações, esteve isolada durante quatro dias e as aguas attingiram a altura de sete metros e noventa e cinco centim tros, quando em 1876, por occasião da grande cheia, tinham chegado á altura de sete metros e oitenta e dois. No segundo dia dos tem-

poraes morreram afogados quatro homens; os habitantes do logar da Tapada passaram a noite sobre os telhados vendo que as aguas subiam sempre. No valle, todo alagado, estiveram dois dias cincoenta eguas e poldros da Coudelaria Nacional apenas com a cabeça fóra d'agua e conservando-se a guardal-as um velho de setenta annos que não as quiz abandonar, ficando n'aquelle extranho posto. Por toda a região a mesma nota desola-



O caes da Ribeira depois da descida das aguas e aspecto do Douro sem o seu costumado movimento de embarcações.



1—O rio D uro, antes da cheia, permitindo ver a quantidade considerável de embarcações que as águas destruíram.
 2—O caes da Ribeira, antes da cheia, e que foi por completo inundado pelas águas.
 3—O caes do Porto, entre a rua de S. João e as escadas das Padeiras, antes da cheia, e que as águas submergiram.

dora, a mesma miséria para os habitantes, as sementieras destruidas na colera das aguas revoltadas.



A CHEIA DO TEJO



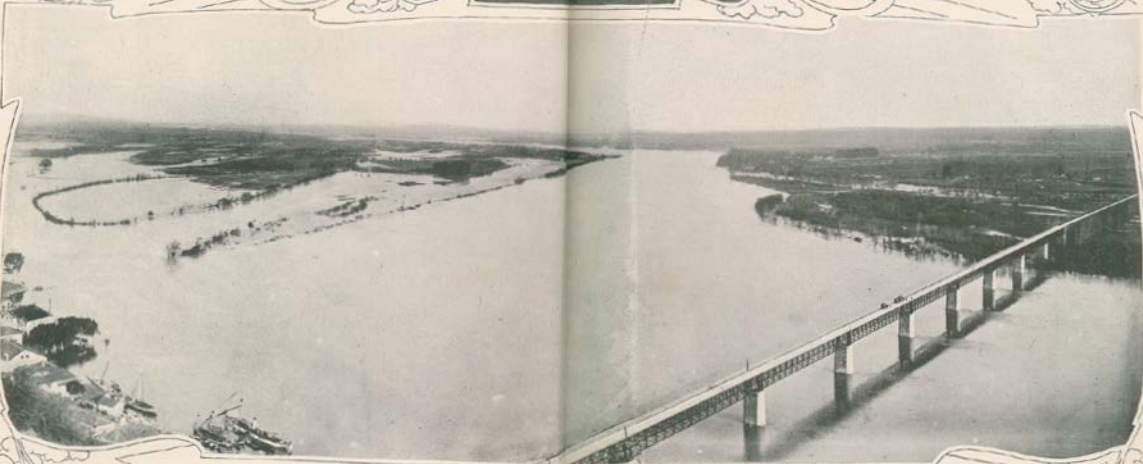
1—A Ribeira de Santarém e os campos de Santarém inundados.
2—O Tejo visto das Portas do Sol, em Santarém, na manhã de 25 de dezembro.



1—Um trecho da tapada de Almeirim, depois da descida das aguas do Tejo
 2—El-Rei nas ruas de Almeirim.



El-Rei, o coronel Antonio de Albuquerque, o marquez do Fayal e o ministro das obras publicas, obrigados a apgar do automove e fazendo a pé o percurso da estrada entre o sitio da Guarita e o pinhal das Virtudes.



1—O lugar de Tapada inundado. 2—Os campos de montanhas alagados, vista feita do posto. 3—Nos arredores de Santos. Uma povoação inundada pelas águas.
4—O Tejo visto das Portas de São, em Santos, em dia 27 de dezembro



- 1—El-Rei em Almeirim, com o presidente da Camara, dr. Guilherme Neves Godinho, e o ministro das obras publicas, sr. Moreira Junior.
- 2—El-Rei, no Valle de Santarem, sahindo da casa de Maria Serrafina, a quem morreu o marido na cheia do Tejo.
- 3—No sitio da Guarita, perto do pinhal da Azambuja, El-Rei com o visconde de Coruche, deputado pelo circulo, e o conde de Alca Mearim, governador civil substituto de Santarem

(Clichés de BUNOLIER.)



AS CONFERENCIAS LITTERARIAS DO D. AMELIA



Ha doze annos, quando Paul Bourget partia para os Estados Unidos, convidado para fazer uma serie de conferencias, que ficaram memoraveis, não faltou quem estranhasse que um homem do seu universal renome litterario não tivesse renunciado á exhibição reclamista da sua personalidade. Mas depressa a insensata surpresa se extinguiu e não tardou que se comprehendes-se todo o nobre alcance da inovação americana, que ia permittir aos povos o conhecimento directo dos grandes artistas, universalizando o culto do talento.

Em breves dias, no mesmo palco illustre do D. Amelia onde acabamos de ver Richepin, veremos M.^{me} Catulle Mendès, a viuva do grande poeta da *Vierge d'Avila*, tão tragicamente morto ha pouco mais d'um anno, e outros prestigiosos vultos perpassarão na scena do theatro do Thezouro Velho, onde os espera a mesma ansiosa emoção com que Lisboa viu agora apparecer em scena a figura gloriosa do auctor do *Chemincau*.

A empreza do theatro D. Amelia, a quem Lisboa devia já a revelação de todos os grandes actores e de todas as actrizes celebres do theatro contemporaneo, a começar em Sarah Bernhardt e a acabar em Sada Yacco, iniciou com a vinda a Lisboa de Jean Richepin, o auctor glorioso do *Chemincau* e uma das mais illustres figuras da moderna litteratura franceza, uma serie de conferencias, em que veremos passar algumas das personalidades mais universalmente conhecidas nas lettras. Coube ao grande poeta francez o inaugurar na sala do D. Amelia essa serie de conferencias litterarias, e toda a imprensa diaria registou em palavras de incondicional admiração o encanto da gloriosa palavra do auctor inspirado e vehemente da *Route d'Emeraude*, que escolhera para thema das suas duas conferencias, realisadas na sexta-feira e sabbado ultimos, *O Mar* e *A Lenda de Napoleão através da Poesia*.

Não são já apenas os reis que viajam, como representantes do Estado, investidos pela vontade dos povos d'essa representação magestosa e formalista. O seculo XIX, que assistira á inauguração das viagens reaes, legou ao seculo XX, com o desenvolvimento dos congressos scientificos, a pratica salutar d'estas verdadeiras embaixadas do talento, com que as nações exhibem, em nobre concorrência mental, os seus grandes poetas, os seus grandes romancistas, os seus grandes historiadores, os seus grandes pensadores.



1.—Madame Catulle Mendès.
2.—Jean Richepin

UMA FESTA INFANTIL EM CASA DO SR. JOÃO BAPTISTA DOTTI

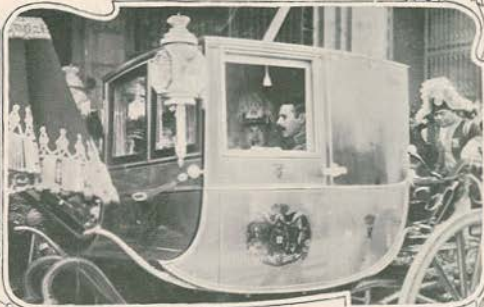


1—O grupo dos céros: (Da esquerda para a direita) D. Candida Cilia, D. Maria Neves d'Assumpção, D. Margarida, D. Conilla, D. Eleutheria Casaes de la Rosa, D. Maria do Carmo, D. Maria das Mercês Bravo, D. Paulina d'Avellar, D. Maria d'Assumpção Lobato, e os srz. Carlos Santos, John George, Henrique Bravo e João Lobato.

Na festa realizada em casa do sr. João Dotti Junior distinguiram-se, com as distinctas amadoras de musica, as senhoras que tomaram parte nos céros, magnificamente ensaiados. O concerto de piano, violino e violoncello deixou uma grande impressão d'arte, mas o grande atractivo da noite foi sem duvida a maneira como as creanças representaram a peça franceza *Les petits revoltés* e a comedia allemã *In der Weshuetstube*. No meio da alegria dos pequenitos, a festa decorreu sempre com o mesmo brilho, terminando por um cantico entoado com um grande sentimento artistico.

2—Os meninos Margarida Müller, Gudum Wiborg, Mario Dotti, João Dotti e Maria Luiza Dotti, na comedia allemã *In der Weshuetstube*. 3—Sr.ª D. Maria Dotti. 4—Sr. João Dotti. 5—Os meninos Mario Dotti, Estella Monteiro, Maria Luiza Dotti e João Antonio Dotti na comedia franceza *Les petits revoltés*. 6—A arvore de Natal.—(Clichés de RENOLIEL)

A ABERTURA DO PARLAMENTO



- 1—A srs. presidente do conselho, ministros do reino e justiça aguardando El-Rei
- 2—O chefe do Estado entrando no parlamento.
- 3—El-Rei com o sr. conde de S. Lourenço na carruagem de gala.
- 4—El-Rei apeando-se à entrada do edificio das Côrtes.
- 5—O sr. ministro da America chegando às Côrtes.
- 6—A guarda real dos archelos.
- 7—Os srs. Wenceslau de Lima, patriarcha de Lisboa, e conde de Mesquitella
- 8—A carruagem dos dignitarios.
- 9—A carruagem real.

(Clichés de BRNOLIEL)



A MANIFESTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS LOJISTAS À CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA



1—Os srs. drs. Theophilo Braga e Eusebio Leão à porta da Camara Municipal.
2—Os srs. drs. Antonio José d'Almeida, Eusebio Leão e Cupertino Ribeiro a caminho do municipio. 3—Aguardando os manifestantes. 4—O publico à porta da Camara Municipal. 5—A direcção da Asociação de Lojistas à Camara Municipal. 6—A saída da Camara, depois da manifestação.
(Clichés de BENOLIEL.)



A EXPLOÇÃO DA RUA DE S. JULIÃO



- 1—O prédio da rua de S. Julião que tem os n.º 17 a 27, onde se deu a explosão
 - 2—O interior do segundo andar esquerdo depois da explosão
 - 3—A fachada do prédio pós o sinistro
 - 4—Outra dependência da casa depois do desastre.
- (Clichés de BESOLIERE)

No dia 30 de dezembro houve uma explosão de gaz no prédio n.º 23 da rua de S. Julião, causada pela inadvertência d'uns operarios que deixaram rupturas na canalisação posta de novo no quarto andar. A policia fez algumas prisões, julgando tratar-se do fabrico de explosivos na casa, não as mantendo, ao explicar-se a origem do desastre, que causou grandes estragos.



— OPERARIOS E PATRÕES —



A manifestação promovida pelo pessoal das fabricas da Companhia de Fiação e tecidos Lisboense aos seus directores, srs. Alfredo de Brito, Custodio Bisarro e José Syder.
(Cliche de SENOLIST.)

UMA DAS SETE MARAVILHAS DO MUNDO



O Egypto é uma vasta necropole, onde se elevavam tumulos, que sobreviveram ás cidades desaparecidas.

E comprehen-

de-se. N'um paiz em que a vida era considerada um breve instante na interminavel successão dos tempos, os palacios não podiam deixar de ser encarados como alojamentos apenas destinados a darem rapido asylo aos passageiros do curto trajecto n'este mundo. Portanto a habitação dos mortos era feita com tanta imponencia que excedia em sumptuosidade a dos vivos. O tumulo excedia o palacio.

E' tambem por isso que a magnificencia das cidades do Egypto se avaliava mais pelo esplendor dos templos e tumulos, do que pelas moradias.

Os tumulos dos kalifas, dos mamelucos, e essas colosaes pyramides que povoam todo o

Egypto, assim o affirmam. Ao oriente e no sopé da montanha Mokattam, ergue-se



1—Grande Pyramide de Keops
2—Margens do Nilo

uma mesquita, com um eleva-
do zimbório, d'uma elegancia
extrema, indicando que outr'ora
existiu ali um dos mais bellos
edifícios arabes, que hoje se
vae desmorrando. E' a necro-
pole dos kalifas, conhecida tambem pelo
nome de mesquita de Kai-Bey, ou pelo
nome de *Tumulos dos kalifas*.

Pára se visitar, atravessa-se o bairro ara-
be e entra se n'uma encruzilhada de estreitas
ruas, ladeadas por cemiterios, onde se levam
tumulos, que, no seu aspecto, indicam pertenc-
erem a familias ricas ou, ao menos, abastadas. Parece
que vamos caminhando pelas avenidas de um vasto
cemiterio. Ao chegar á mesquita, vê-se que foi uma
construção opulenta, elegante e digna dos que outr'ora
deram leis no Egypto.

Lá dentro depara-se-nos o tumulo do propheta,
tendo ao lado e junto ao pulpito duas pedras, uma
parda e outra encarnada, com a impressão das suas
pegadas, e a que os musulmanos prestam tanta vene-
ração, que é vedado tocar-lhes; estão cobertas com
uma cupula de metal, tendo ainda uma finissima tela
a protegel-as do pó. Os vitraes das suas janellas são
dignos de attenção e passam por serem os melhores
e os mais bellos especimens d'aquelle genero em todo
o Cairo.

Uma estreita porta dá para o Pantheon dos Kalifas,
que jazem em riquissimos tumulos de marmore, de
jaspe e de prata, enfileirados e em salas reservadas.
Das paredes pendem bellos pannos da Per-
sia, bordados a ouro e prata, offertas dos
musulmanos vindos de Meca.

Apoz a visita vamos a outra necropole,
não menos interessante. E' o *Tumulo*
dos Mamelucos.

Estão ao sul da Cidadella, e se-
riam bellos exemplares da archite-
ctura arabe, se não estivessem

cahindo em ruinas.

N'uma camara espe-
cial estão os tumulos dos Ma-
melucos e suas familias, alguns dos quaes
são dignos de nota. Todos tem uma lapide á
cabecreira, terminando umas por um *coffo*, in-
dicando pertencerem aos homens, e outros por
uma trança de cabelo, por n'elles jazerem as
suas mulheres. Nas varias dependencias nada ha
de notavel, a não ser a sua magnificencia pri-
mitiva, de que ainda hoje dão indícios.

A mais gigantesca necropole do Egypto está
situada na margem esquerda do Nilo, em pleno
deserto da Lybia. Erguem-se ali as Pyramides
de Gizet. O trajecto faz-se em carro electrico,
que atravessa a p-arte europêa da cidade, cheia
dos mais bellos edificios publicos e particulares,
contorna os jardins de Ghezireh, situados entre
os dois braços do Nilo; atravessa uma bem lan-
çada ponte de ferro, e percorre un a extensa ave-
nida, ladeada de acacias e palmeiras, que vae
dar a Mena House, fim da linha. Desde a mar-
gem do Nilo até ali a estrada é bastante elevada,
e essa elevação serve de dique ás inundações
periodicas do Nilo, que vae fertilisar os campos
marginaes. A linha ferrea que vae do Cairo a As-
suan corta esta estrada, atravessando esses vas-
tos cemiterios que abundam entre
Gizet e Thebas. D'um e
d'outro lado, uma extensa
planicie mostra os seus ver-
dejantes campos, a per-
derem-se de
vista, talhados pe-
los canaes e d'uma
fertilidade encanta-



1—A pyramide de Sakkara
2—Povoado egypcio nas margens do Nilo.

dora. Em Mena House é-se assaltado por uma nuvem de beduínos, que nos oferecem camellos e jumentos para nos conduzirem ás Pyramides, com tanta insistencia que a policia mal os pode conter. Até ás Pyramides o trajecto é curto, e por um caminho íngreme, mas bem cuidado, a caravana começou a atravessar as areias amarelentas do deserto da Lybia. Não sei o que sentimos dentro de nós, que nos abafava, á medida que nos iamos approximando das Pyramides. Ao chegarmos ao ponto mais elevado da estrada, em pleno deserto, appareceram-nos em toda a sua estupenda grandeza os mais phantásticos monumentos que a imaginação do homem podia crear — as Pyramides de Gizet. Parámos, extáticos, sem pronunciar palavra, sem fazer um unico gesto que significasse o nosso espanto, ao olhar para aquelles cyclopicos monumentos, e isto porque nos sentiamos opprimidos, acanhados, perante aquellas montanhas de granito, sahidas das mãos do homem. Passados os primeiros momentos, entreolhámos-nos e então demos largas á nossa expansão. Começámos a marcha até lhe tocarmos com a mão, como que duvidando da realidade d'aquelles colossos. Estavamos em face das celebres Pyramides do Egypto, que, com razão, eram tidas como uma das *Sete Maravilhas do Mundo*.

A primeira pyramide, a de Kéops, é formada por blocos de granito, collocados uns em cima de outros com tanta sciencia, com tanta perfeição e tão intimamente juxtapostos que a acção dos seculos já confundiu as suas arestas.

Quem nunca as viu, pôde avaliá-las pelas suas dimensões, pela duração da sua construção, pelo numero de operarios que n'ellas trabalharam e pela epocha em que foram construidas e em que faltavam os machinismos para elevarem aquelles blocos de mais de 1 metro d'alto por 2 e 3 de comprimento a uma tão prodigiosa altura. Construida 4:000 annos antes de Christo, a Pyramide de Kéops servia de tumulo a este Pharaó, que pertencia á IV dynastia. Não é a maior, mas por ella avaliam-se as outras. As suas dimensões são: cento e quarenta metros d'altura, — seiscentos e trinta de comprimento da base, cento e setenta e tres de altura inclinada.

Estas dimensões não são as ver-



dadeiras, porque hoje a pyramide está alguns metros soterrada na areia. Kéops obrigou todos os egypcios a trabalharem n'aquelle monumento. Uns cortavam e preparavam os blocos na montanha Mokattam; outros traziam-os d'ali até ao Nilo; ainda outros levavam-os do Nilo até Gizet.

Trabalharam sem interrupção n'esta pyramide cem mil homens



1—A ascensão da grande pyramide
2—A esphinge e a pyramide de Chefnen

durante vinte annos, revesando-se aos semestres. Dez annos levou a preparação do caminho para a conducção dos blocos desde Mokattam a Gizet. Depois construíram-se as camaras subterraneas, e mais tarde levantou-se sobre ellas aquella immensa molle de granito.

Era revestida exteriormente por uma camada de argamassa, que no decorrer dos seculos cahiu, excepto no vertice da segunda pyramide. N'este revestimento, que era todo polido, estavam escriptos em grandes letras douradas, a biographia de Kéops, a descripção da obra, o numero d'operarios, o que n'ella se gastou, etc. Hoje, pela queda d'esse revestimento, os blocos formam uma especie de gigantesca escada pela qual se sobe até ao vertice.

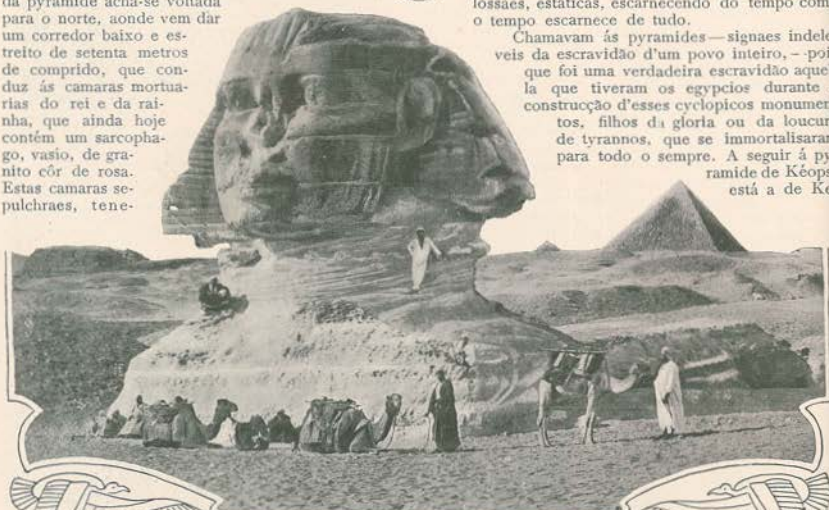
A entrada para o interior da pyramide acha-se voltada para o norte, aonde vem dar um corredor baixo e estreito de setenta metros de comprimento, que conduz ás camaras mortuarias do rei e da rainha, que ainda hoje contém um sarcophago, vasto, de granito côr de rosa. Estas camaras sepulchraes, tene-

dez metros quadrados—descobre-se a perder de vista um panorama surpreendente e incomparavel. Foi ali que Deus e o homem, a natureza e a arte crearam de commun accordo o panorama mais maravilhoso que vista humana pôde ter sobre a terra! Foi ali que eu lancei um grito involuntario de admiração, e esqueci para sempre todos os outros encantos que n'este mundo presenceára.

Ali, a fertilidade e a aridez, isto é, a vida e a morte defrontam-se. São os campos verdejantes do Nilo a um lado, e a aridez do deserto com as suas numerosas necropoles a outro.

Ali, vê-se o mesmo que do alto da mesquita da Cidadella, mas em sentido inverso. Mais ainda, porque se vêem ao longe sobre as amarelentas areias do deserto os esguios vertices das vinte e uma pyramides de Memphis, collossaes, estaticas, escarnecendo do tempo como o tempo escarnece de tudo.

Chamavam ás pyramides—signaes indeleveis da escravidão d'um povo inteiro, — pois que foi uma verdadeira escravidão aquella que tiveram os egypcios durante a construcção d'esses cyclopicos monumentos, filhos da gloria ou da loucura de tyrannos, que se immortalisaram para todo o sempre. A seguir á pyramide de Kéops, está a de Ke-



A esphinge de Giseh

brasas e pulverulentas são formadas de monolithos de granito côr de rosa, assim como as suas paredes.

Deixando estes medonhos corredores, por onde se caminha com difficuldade e só á luz de magnesio, voltamos, para presenciar outro espectáculo magestoso: a ascensão ao vertice da pyramide.

Esta, que é de difficil execução, só se pode fazer com o auxilio de dois ou tres homens para cada pessoa, e que a vão levantando de bloco para bloco, cuja altura é muitas vezes superior a um metro. Chegados ao vertice — uma plataforma de

fren ou a «Grande», e, depois d'esta, a de Mikerino ou a Divina. Em volta de todas ellas vêem-se vestigios de grupos de pequenas pyramides—tumulos dos altos funcionarios do Egypto. Eram estes grupos que, juntamente com as Pyramides, constituíam a vasta e surpreendente necropole de Gizet.

Quanto mais se contemplan estes tres collossaes monumentos, mais grandiosos nos parecem, e quando se começa a fazer uma idéa distincta d'elles, não ha palavras que possam descrever o sentimento d'espanto e de admiração que esmaga o espirito do observador.

Aqui, não acontece o que em geral se dá com todas as ruínas; podem vê-se sempre sem nunca apresentarem o aspecto de montanhas informes de destroços.

Conservam-se inalteráveis através dos seculos, immensas na immensidade do deserto.

E foi aqui que as Pyramides, depois de presenciarem a victoria de Napoleão sobre os mamelucos, assistiram a uma outra victoria não menos gigantesca—a abertura do Canal de Suez.

A uns cem metros da pyramide de Kéops, n'uma descida, outro monumento não menos impressionante se nos depara. E' a Esphinge, essa maravilhosa cabeça, de olhar extactico, como que sondando as profundezas da aboboda celeste. Enterrada na areia até ao peito, corroida pela idade, voltando as costas para o deserto e olhando para o espaço, ella é como que a sentinella do deserto, avisando as caravanas que podem ficar debaixo d'esse oceano d'areia como ella ali ficou a cumprir a sua missão sagrada sobre a terra.

As feridas que tem soffrido não lhe tiraram a serenidade poderosa e terrivel que fere e arrebatou até ao intimo do coração.

Tendo o corpo de leão terminado por uma cabeça de homem, cingida pela cabelleira régia, a Esphinge mede vinte metros de comprido e trinta e nove d'altura, até ao pavimento aonde estavam assentes as garras, para o qual se subia por uma magestosa escada que hoje está soterrada na areia.

A epoca da sua construcção perde-se na bruma dos tempos; sabe-se, porém, que, 1533 annos antes de Christo, foi restaurada por Thotmes IV, o que veio trazer alguma luz sobre a sua historia.

Ao lado e um pouco ao sul da Esphinge estão as ruínas do Templo de Granito ou de Kefren, o constructor da segunda pyramide, que estava todo coberto d'areia, e que, graças aos esforços de Mariette, foi posto a descoberto.

Descendo um pequeno declive e abrindo uma grade de ferro,



Um beduino

entra-se n'uma serie de corredores, todos feitos de grandes blocos de granito cor de rosa. Antiquissimo, nada se sabe da sua

historia, pois não ha uma inscripção que permita dar uma data

provavel á sua construcção.

Parece ser anterior a Kéfen, por se terem lá encontrado algu-

mas es-



As tres pyramides de Giseh

tatuas com o nome d'este Pharaó, e por aqui se pôde avaliar a sua antiguidade.

Como recordação da nossa presença deante d'estes extranhos e antiquissimos monumentos, photographámo-nos em frente da Esphinge, e regressámos ao Cairo, enlevados com as impressões d'aquellas maravilhas, que marcam uma epoca de poderio e loucura d'esses despotas da antiguidade, e d'uma civilisação tão extranha, que então predominava entre os povos orientaes, civilisação que de todo se extinguiu.

O Egypto é fertilissimo em antiguidades, e essas em grande parte foram retiradas debaixo das areias do deserto, ou das vastas necropoles e mesquitas que abundam por todo este bello paiz.

Não havia melhor logar para as conservarem do que os museus, que no Cairo são maravilhosos repositórios da prehistoria d'este povo.

O grande muzeu do Cairo que, depois das Pyramides, fomos visitar, encerra preciosidades inestimaveis, já pela sua antiguidade, já pelo seu valor artistico. São 27 salões cheios de objectos dignos de menção, e entre elles não deixarei de mencionar a sala das mumias, as mais perfectas e mais bem conservadas que te-

nhô visto. Encontram-se ali em perfeito estado de conservação as mumias de Sesostriss e de Tethis, com os dentes brancos a saírem-lhes por entre os labios semi-abertos, os cabelos cobrindo-lhes a nuca, com as mãos cruzadas sobre o peito, parecendo terem sido encerradas dentro dos sarcophagos em epoca bem proxima da nossa.

Eu não posso descrever uma por uma o numero de maravilhas que aquelle muzeu encerra. Ha-os de certo mais opulentos, mas que imprimam tanta admiração e respeito ao observador, não me parece possível encontrar.

O Muzeu Arabe e a Livraria do Khediva são dignos de serem vistos, pelos bellos exemplares do Al-Korão, alguns d'um tamanho enorme, e pelas illuminuras que os illustram profusamente.

E assim terminou a nossa rapida visita ao Cairo n'aquelle dia, reservando para o dia seguinte a visita a Heliopolis e á Arvore da Virgem.

DR. GONÇALVES PEREIRA.



Alguns officiaes da nossa armada junto ás Pyramides
Da direita para a esquerda: sr. tenente Phylemon, dr. Gonçalves Pereira, commissario Cintra, capitão-tenente Costa Rodrigues, 3.º tenente Franco, engenheiros Vieira e Carvalho.
No primeiro plano o 2.º tenente sr. Alvaro Martha.

O CENTENARIO DE JOSÉ ESTEVÃO

José Estevão Coelho de Magalhães, cujo centenario se celebrou em 26 de dezembro, foi o orador raro, d'uma eloquencia dominadora, que este sempre nos logares onde era necessario um combatente pela liberdade e uma voz respeitada para dizer as mais altivas verdades. Bateu-se denodadamente contra o absolutismo. Na Terceira ajudou D. Pedro IV a cimentar o seu throno e sentindo que por isso mesmo não podia deixar fementir as promessas feitas pelo rei soldado, nunca perdoou ultrages á lei. Deu uma parte da sua vida á conquista das regalias maiores offerecidas

pela constituição de 1838, sendo contra a Carta Constitucional de 1826 e assim, avançando sempre, acabou por estar nas fileiras mais audazes, na maçonaria como grão-mestre, no parlamento clamando contra a reacção. Sempre que se erguia para falar, era sabido que alguma coisa de nobre ia sahir dos seus labios e quando

AGE 3 DE NOVEMBRO
DE 1862
FALLECEU
N'ESTA CASA
O GRANDE TRIBUNO
JOSÉ ESTEVÃO
COELHO
DE
MACALHÃES
26-12-1808

1—A lapide collocada no predio da rua Formosa, onde morreu o celebre tribuno
2—A estatua de José Estevão, no largo das Côrtes, durante a manifestação do dia 26

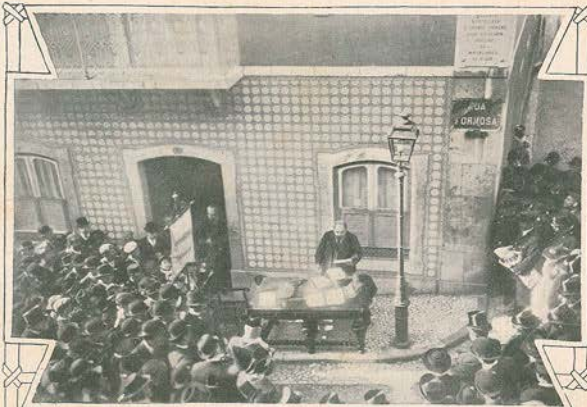
terminava ficava ainda um rastro d'assombro nos olhares como o sol ao desaparecer deixa listrões dourados no céu durante instantes. Na celebre questão das Irmãs da Caridade, em julho de 1861, José Estevão foi um athleta. O parlamento era a sua arena. Desde essa hora a sua vida de audaz luctador toda se dedicou a combater os preconceitos religiosos, as leis beneficiadoras das comunidades, tudo o que sentia erguer-se contra a liberdade.

Os Cabraes encontraram n'elle o seu mais valoroso adversario. Em 1841, no accesso vivo da lucta contra o cabralismo, o grande orador de tal forma atacou o ministerio, tantos rudes golpes lhe vibrou, que a Camara teve uma tremenda sensação de espanto. O discurso terminava d'uma maneira extraordinaria, n'um brado: «O ministerio está morto.»

Rodrigo da Fonseca Magalhães, tambem orador de raça e habil politico, que fazia parte do governo disse-lhe ironicamente: «V. ex.ª nem ao menos deixa tempo para se lhe dar a extrema unção?»

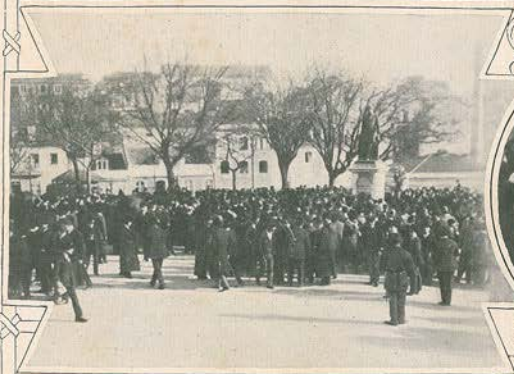
José Estevão voltou, n'uma feliz resposta: «Nao, senhor, porque o ministerio morre impenitente.» Outros rasgos teve o homem singular cujo centenario foi celebrado em Aveiro, terra onde nasceu, e em Lisboa, onde falleceu, no predio que tem actualmente o numero 121 da rua Formosa, no qual foi collocada uma inscripção commemorativa. O sr. dr. José de Castro falou em nome da maçonaria, depois do sr. Anselmo Braamcamp descerrando a lapide, fazendo-se de seguida





uma enorme ro-
maria á estatu-
do tribuno no
largo das Côrtes, cujo
pedestal ficou coberto
de flores. Tambem se
realisaram sessões so-
lemnes no Asylo de
S. João, na Camara
Municipal, no Centro
Escolar José Este-
vão e no Grande
Oriente Luzitano.

D'este modo se festejou
o centenario do grande vul-
to cuja obra profundamente
liberal se impôz ao paiz, de
que elle foi um dos mais
gloriosos filhos.



- 1—O sr. dr. José de Castro lendo o seu discurso na cerimonia do descerramento da lapide na casa da rua Formosa onde morreu José Estevão.
2—Aspecto do largo das Côrtes durante a manifestação. 3—A Camara Municipal de Lisboa no largo das Côrtes
4—O desfile perante a estatua do tribuno. 5—Depoendo flores no pedestal da estatua do grande orador
(Clichés NOGUEZ)